

Diretor isenta médicos e enfermeiros

Procurado pelo **Correio Braziliense**, o diretor do Hospital Regional de Ceilândia, Romualdo Silveira Filho, não mascarou a realidade: "Estamos vivendo o caos e chegamos ao limite. Mas não dá para culpar o médico, o enfermeiro ou o agente administrativo. O problema é estrutural".

Por *problemas estruturais*, o diretor tenta explicar: "O problema começou na construção do hospital, há 16 anos". Segundo Silveira, à época da construção, Ceilândia tinha 150 mil habitantes. "Hoje, tem 400 mil e, além disso, temos que atender pa-

cientes do Recanto das Emas, Santo Antônio Descoberto (Entorno) e 50% da população de Samambaia."

Nem mesmo a reforma por que passou o Hospital Regional de Ceilândia, em abril, quando foi inaugurado o novo pronto-socorro e feita nova pintura, amenizou o drama da população que procura o hospital. "O que adianta reforma física, se não temos profissionais?", indaga o diretor do HRC, Romualdo Silveira Filho. Depois, alfineta: "Qual o médico que quer trabalhar a semana inteira, com carga horária completa, para ganhar R\$ 1.252?"

Para dar um exemplo do déficit de médicos, Silveira apresenta números. "Deveríamos ter pela manhã, no Pronto-Socorro, cinco clínicos e cinco pediatras. Hoje (ontem), estão trabalhando apenas três pediatras e dois clínicos, mas há dias em que nem isso temos."

Outra causa do déficit de profissionais, de acordo com Silva, é um decreto do governador Cristovam Buarque, de abril deste ano, que reduziu em 15% a carga total de horas extras. Muitos médicos e enfermeiros do HRC pediram demissão.



Crianças com variados tipos de doenças ficam sem atendimento no HRC